

# *A sociologia da literatura: origens e questionamentos*

*Miguel Leocádio Araújo Neto*  
Mestre em Literatura Brasileira – UFC

## **Resumo**

Este artigo faz o percurso das origens da sociologia da literatura aos seus desdobramentos no século XX, levantando os principais questionamentos presentes nos diversos teóricos comentados. Dessa forma, examinam-se os rumos tomados pelas pesquisas que vinculam literatura e sociedade em suas principais configurações.

## **Palavras-chave**

Sociologia da literatura; sociocrítica; literatura; sociedade.

## **Zusammenfassung**

Dieser Artikel erforscht die Ursprünge der Literatursoziologie bis zu ihren Verfeinerungen im 20. Jahrhundert, wobei dies schon vorhandenen Hauptfragestellungen durch verschiedene Auslegungen der Theoretiker erweitert werden. Somit werden die schon vorhandenen Theorien neu überarbeitet, die in ihren wichtigsten Punkten Literatur und Gesellschaft miteinander verbinden.

## **Schlüsselwörter**

Literatursoziologie; Soziokritik; Literatur; Gesellschaft.

A idéia de que a obra literária, em sentido amplo, constitui um modo de representação da realidade tem certo trânsito entre renomados teóricos e estudiosos da literatura, tais como René Wellek e Austin Warren, Erich Auerbach, Afrânio Coutinho, Antonio Candido e outros. Adotando este pressuposto básico e ampliando-o em direção às indagações em torno das relações entre literatura e sociedade, apresenta-se-nos a necessidade de uma reflexão sobre como os métodos sociológicos de abordagem do texto literário, ou mais especificamente a chamada *sociologia da literatura*, entenderiam o problema da representação da realidade pela literatura.

A complexidade das questões relativas às relações entre literatura e sociedade, e como a teoria e a crítica literárias as entendem, afigura-se como uma justificativa possível para o trabalho do pesquisador interessado em compreender quais as especificidades da representação do fato social (para usar uma noção corrente para a sociologia enquanto disciplina) pela literatura.

Este interesse dos pensadores em compreender as relações entre literatura e sociedade não é recente, embora tenha tomado mais fôlego, principalmente, na segunda metade do século XX, com a publicação, na França, em 1963, de *A teoria do romance*, de Georg Lukács, bem como dos estudos, ainda na década de 1950, de Lucien Goldmann, um dos mais atuantes divulgadores dos estudos sociológicos aplicados à literatura. Segundo Jean-Yves Tadié, o que hoje podemos chamar de *sociologia da literatura* teria suas origens teóricas ainda em princípios do século XIX.

Embora não menos importantes, estas origens remontam à passagem do século XVIII para o século XIX, sendo a Revolução Francesa (1789) e os seus abalos subseqüentes na vida intelectual européia o evento histórico desencadeador de anseios por uma nova forma de pensar o mundo, a nova sociedade e as novas formas de relação social, modificadas por estes abalos históricos, e, enfim, por uma nova forma de pensar o homem. Desta necessidade intelectual de explicar o *novo* àquele momento, tornar-se-ia inevitável um novo olhar para a literatura e para a arte em geral, como produções de um *novo* homem em uma *nova* sociedade.

Os teóricos e os historiadores da literatura convergem para Madame de Staël como a iniciadora de uma tradição teórico-interpretativa que originaria alguns desdobramentos mesmo no século XX, sendo o seu *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (1800) a primeira tentativa de estabelecer um relacionamento entre literatura e sociedade. Também se articulando com a gênese dos estudos de literatura comparada, Madame de Staël proporia três parâmetros de leitura, quais sejam: (a) uma “leitura diacrônica” do sistema literário (privilegiando a idéia de que a literatura sofre transformações à medida que as sociedades se transformam); (b) uma “leitura espacial” da literatura (afastando-se de um modelo único e universal e aproximando-se de uma leitura pela qual as literaturas nacionais passam a ser consideradas em sua especificidade); (c) a leitura da contradição entre “literatura necessária e literatura de fato” (o exame da problemática das relações entre uma pretensa necessidade de um determinado tipo de literatura e a literatura que aparece de fato). Madame de Staël coloca, então, questões ainda hoje caras aos pesquisadores, por exemplo: de que forma uma literatura nacional (e, no âmbito da literatura brasileira, não poderíamos deixar de também considerar as literaturas regionais) se articula com a/na história do país? Ou ainda: o que caracterizaria de fato uma literatura nacional?

Ao mesmo tempo, aparece a discussão proposta por Chateaubriand em *O gênio do cristianismo* (1800): as relações entre cultura pagã e cultura cristã, o que determinaria também uma reflexão sobre os modelos canônicos e sua subversão, e, portanto, sobre as diversas formas de configuração dos diferentes discursos decorrentes da cultura, enquanto produções e práticas sociais inseridas num determinado contexto histórico. Ao tomar como referência certa parte do teatro francês do século XVII e, sobretudo, a tragédia de inspiração greco-latina, Chateaubriand revela que, na verdade, a dicção das personagens não é, e nem pode mais ser, a dicção clássica pagã, mas a da França contemporânea cristã. Isso demonstra como a interpenetração de culturas se faz de modo complexo, à revelia de qualquer projeto estético de adoção de pressupostos de elaboração artística alheios às práticas sócio-culturais de um povo em determinado momento de sua história.

Também neste período, em 1806, em artigo do *Mercure de France*, Bonald retoma sua famosa frase, “*A literatura é expressão da sociedade*”, antes aparecida em 1796, o que vai ocasionar uma série de polêmicas sobre a trama existente entre literatura, sociedade e história. Embora tivesse como intenção original afirmar que cada povo tem a literatura que merece (portanto adotando, a priori, um critério de julgamento valorativo de uma literatura e de uma sociedade), a frase está na origem do estabelecimento de um tipo de compreensão da produção literária, o do condicionamento da literatura pelo “caráter” da sociedade, o que geraria seus desdobramentos posteriores.

A partir da segunda metade do século XIX, as contribuições para a formalização de uma sociologia da literatura vão aumentar consideravelmente, recebendo influências inclusive das teorias científicas em vigor na época.

Hyppolite Taine esboça, por volta de 1853, a sua teorização determinista através do trinômio raça-meio-momento, cuja principal ressonância seria a de relacionar, ou condicionar, uma realização literária (e, portanto, a personalidade que a produziu) a um contexto que não é apenas histórico, mas também cultural, social e racial. Desta forma, a produção literária estaria irremediavelmente (e a priori) condicionada a elementos exteriores a ela. Esta perspectiva de estudo da obra literária acarretaria em problemas para o próprio método, cuja principal acusação sofrida é a de relegar a realidade interna das obras a segundo plano em benefício da explicação dos fatores condicionantes.

*A teoria do romance*, de Georg Lukács, foi publicada pela primeira vez em livro em 1920, embora tenha aparecido antes na *Zeitschrift für Ästhetik und allgemeine Kunstwissenschaft* [Revista de estética e de ciência geral da arte] e tenha sido redigida entre 1914 e 1915. A motivação para sua escrita, segundo o prefácio à edição de 1962, teria sido a eclosão da primeira guerra mundial em 1914. Trata-se, portanto, de um impulso intelectual que aparentemente ainda está distante da extração marxista pela qual o autor orientou-se posteriormente. Mesmo assim, o próprio Lukács, no mesmo prefácio, assume que as preocupações de matriz marxista já estavam ali presentes de forma embrionária, pois, como o subtítulo da obra deixa entrever, a tônica dada é a histórico-filosófica.

Teoria e crítica se mesclam nesta obra cuja divisão oferece duas perspectivas: uma teórica com intenções filosóficas (“As formas da grande épica em sua relação com o caráter fechado ou

problemático da cultura como um todo”) e uma classificatória (“Ensaio de uma tipologia da forma romanesca”), tomando por base algumas obras. Ao estudar o modo como um gênero literário (seu aparecimento, enfraquecimento ou transformação) está sujeito a injunções culturais e históricas e ao esboçar uma tipologia do gênero com base em pressupostos filosóficos que elegem o indivíduo e seu entorno como motivo, Lukács estaria lançando as bases teóricas do que se configuraria nas diferentes orientações da sociologia da literatura ao longo do século XX, chegando a ser considerado por Lucien Goldmann como o verdadeiro iniciador da sociologia da literatura.

É importante ressaltar que o campo metodológico da sociologia da literatura se ampliou a partir da contribuição de diversos pensadores, tais como Walter Benjamin, Theodor Adorno, Arnold Hauser, Jean-Paul Sartre, entre outros. Se, por um lado, estas contribuições geraram divergências metodológicas, por outro demonstrou-se a possibilidade de investigar as relações entre literatura e sociedade delimitando campos específicos de pesquisa (algumas vezes em diálogo com outros campos), dando à sociologia da literatura uma ampliação de perspectivas investigativas tão diversificadas quanto as da sociologia.

As tendências de delimitações metodológicas para o estudo sociológico da literatura, *grosso modo*, têm se apresentado mais frequentemente da seguinte forma:

- ❖ o estudo marcado pelo exame, e pelo relacionamento, entre um determinado *corpus* no âmbito literário (p. ex. uma determinada manifestação num dado estilo de época, um gênero, etc.) e as condições histórico-sociais;
- ❖ o estudo centrado na consideração do autor e de sua situação histórico-social, bem como de sua situação no campo intelectual; neste âmbito pode situar-se inclusive o estudo do escritor e suas condições de produção, problemas de remuneração, etc.;
- ❖ o estudo centrado em problemas relativos à obra literária, sua publicação, distribuição, circulação, inclusão no cânone literário, etc.;
- ❖ o estudo centrado no público leitor e sua relação com as obras: o consumo, o sucesso (ou insucesso) de obras, ressonâncias provocadas pelas obras (nos leitores), etc.

Estas perspectivas de estudo, entre outras ligadas à sociologia da literatura, podem trazer um problema para os estudos literários, como observa Luiz Costa Lima: subordinar a obra literária “ao propósito de entendimento dos mecanismos em operação na sociedade”. Também Antonio Candido, em seu ensaio “Crítica e sociologia” de *Literatura e sociedade*, aventa a possibilidade de o valor e o significado da obra serem relegados em benefício da explicação sociológica, tornando o dado exógeno ao texto literário o verdadeiro motor da análise. No entanto, no mesmo ensaio, Candido reconhece perceber uma atitude de mudança, por parte dos teóricos e dos críticos, na constituição do método, qual seja, o do estudo do elemento social na obra não mais como uma relação de condicionamento meio-obra (sendo a obra, desta forma, uma ilustração de determinadas dinâmicas sociais), mas numa perspectiva de “interiorização” do elemento social como elemento estruturador da obra.

A sociocrítica, por seu turno, ensaiaria devolver à obra literária seu estatuto artístico, pois pretende estudar o *texto em si*, incluindo aí os juízos de valor e o exame dos discursos

associados a determinadas ideologias. Por outro lado, a sociocrítica não ficou livre da ressalva de ser, em alguns momentos, uma leitura imanentista que procura examinar a presença da representação de certas práticas sociais, só colocando perifericamente a relação da obra com determinado momento histórico-social.

Se todas estas leituras vinculadas à sociologia, legítimas em suas bases, como quaisquer outras leituras, colocam problemas, deve-se ao fato de que talvez nenhuma leitura deva requerer para si o estatuto de explicação da totalidade da obra. Porém todas estas leituras dão uma idéia dos rumos tomados, e por tomar, numa pesquisa que pretenda considerar as relações existentes entre literatura e sociedade.

Há também que se considerar que a construção de modelos de análise podem encontrar a facilidade das generalizações teóricas, mas também podem encontrar a dificuldade de confrontação com obras ou autores específicos, dada a complexidade e a pluralidade de discursos presentes nas obras. E, neste caso, para suprir esta dificuldade, recorre-se ao *recorte teórico* como forma de superar as limitações dos métodos.

Antonio Candido, no já referido ensaio, observa que é possível um tipo de análise que possa conjugar os fatores sociais e a realização literária, sem desconsiderar os dados estéticos das obras específicas, ainda mais quando o estudioso tenta identificar qual o papel daqueles fatores na conformação da estrutura interna das obras. Ampliando este pensamento, consideramos a possibilidade de esta perspectiva de estudo ser enriquecida por uma investigação do papel exercido pelas obras na sociedade, o que demandaria também uma reflexão sobre a recepção destas obras nos diversos circuitos de leitura. Contemplar as diversas instâncias da criação literária (sociedade, autor, obra, leitor), antes de ser uma tarefa, poder vir a ser uma possibilidade de reconsideração do método.

## Notas Bibliográficas

<sup>1</sup> Comentando as relações entre literatura e sociedade, Wellek afirma que “a literatura ‘representa’ a ‘vida’: e a vida é, em larga medida, uma realidade social, não obstante o mundo da Natureza e o mundo interior ou subjetivo do indivíduo terem sido, também, objeto de ‘imitação literária’”. In: WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971. p. 117.

<sup>2</sup> Auerbach escreveu um livro de ensaios que explica as mudanças, ao longo da história da literatura ocidental, nas perspectivas (ou maneiras) de a literatura representar a realidade, tomando por base para seu estudo alguns dos maiores clássicos da literatura ocidental. Cf.: AUERBACH, Erich. *Mimesis; A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>3</sup> Coutinho, ao conceituar a literatura, afirma: “O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc. (...) A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade”. In: COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Fortaleza: EUFC, 1987. p. 728.

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2002.

<sup>5</sup> Utilizamos aqui a expressão no plural por não estarmos convencidos de que a abordagem que costuma ser nomeada como “sociologia da literatura” se restrinja a uma proposta metodológica única e estanque.

<sup>6</sup> Cf. o capítulo “Digressão histórica”, in: RICCIARDI, Giovanni. *Sociologia da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971. p. 11-39; bem como o capítulo, “Pourquoi une sociologie de la littérature”, in: SCARPIT, Robert. *Sociologie de la littérature*. 3<sup>ème</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1964. p. 5-16.

<sup>7</sup> Cf. TADIÉ, Jean-Yves. Sociologia da literatura. In: *A crítica literária no século XX*. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. p. 163.

<sup>8</sup> Cf. BARBÉRIS, Pierre. A sociocrítica. In: BERGEZ, Daniel et alii. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 143-182.

<sup>9</sup> Staël teria eleito as categorias “*Zeitgeist*, esprit d’époque, et *Volksgeist*, esprit national” como fonte primordial para a compreensão do sistema literário de um determinado país ou de um determinado povo. Cf. ESCARPIT, Robert. Op. cit. p. 8.

<sup>10</sup> Staël observa que, ao contrário do que uma teorização histórico-social podia deixar entrever, anseios diferentes daqueles que poderiam ou deveriam advir de uma determinada mudança histórico-social condicionariam o surgimento de uma literatura que respondesse a estes anseios diferentes (e inesperados), e não aos anseios que supostamente seriam a consequência de um determinado abalo social (e neste caso deve-se acrescentar que ela estava considerando a Revolução Francesa e seus desdobramentos). Cf. BARBÉRIS, Pierre. Op. cit. p. 155.

<sup>11</sup> Lucien Goldmann, em seu ensaio *Le dieu caché* (1956), retoma, sob ponto de vista diverso, a discussão sobre o teatro de inspiração neoclássica no século XVII enquanto visão trágica de seu tempo, conforme o último capítulo de seu estudo, “La vision tragique dans le théâtre de Racine”.

<sup>12</sup> In: BARBÉRIS, Pierre. Op. cit. p. 150-153.

<sup>13</sup> Trata-se do ensaio *Théorie du pouvoir politique et religieux dans la société civile, démontré par le raisonnement et par l’histoire*. Cf. RICCIARDI, Giovanni. Op. cit. p. 109.

<sup>14</sup> Cf. BARBÉRIS, Pierre. Op. cit. p. 156-158.

<sup>15</sup> Segundo Pierre Barbéris, com a publicação de *La Fontaine et ses fables*, estas reflexões sobre as três categorias defendidas por Taine estariam na pauta do dia das discussões literárias. In: Id. Ib. p. 159.

<sup>16</sup> LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance; Um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad., posfácio e notas José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. p. 7-19.

<sup>17</sup> GOLDMANN, Lucien. A sociologia na literatura: status e problemas de métodos. In: *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*. Trad. Reginaldo e Clélia di Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. p. 43.

<sup>18</sup> Cf. RICCIARDI, Giovanni. Perspectivas operacionais. In: Op. cit. p. 71-100; CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: Op. cit. p. 3-15.

<sup>19</sup> LIMA, Luiz Costa. A análise sociológica. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. II. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 105.